



FÓRUM ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO
FEPEG
UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras



24 a 27
setembro
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

MARIA DA CRUZ: “CHEFE DE FAMÍLIA, POTENTADA E REVOLTOSA”.

Lívia Rodrigues Canabrava, Keila das Dores Alves, Ana Luíza Ferreira Coelho

Introdução

Maria da Cruz ganhou destaque na história por sua suposta atuação nos motins de 1736 no sertão sãofranciscano, as suas ações e de sua família teriam marcado o período colonial dessa região. No século XVIII o sertão do São Francisco se caracterizava pela presença de grandes potentados locais e pelo comércio de gado com a região mineradora. E Maria da Cruz se insere na categoria dos potentados, sendo ela considerada por alguns historiadores uma das líderes dos motins de 1736. Dessa forma buscamos analisar a ocupação e povoamento dessa região denominada sertão do São Francisco no norte de Minas Gerais, com intuito de compreender de que forma se deu o domínio político e econômico das famílias pioneiras, principalmente a família Cardoso a qual Maria da Cruz passou a pertencer após o seu casamento com Salvador Cardoso de Oliveira. Além de analisar a sua respectiva participação nos motins de 1736, destacando a representação sobre essa potentada do século XVIII construída nas obras *História Antiga de Minas Gerais (1904)* e *Historia Média de Minas Gerais (1918)* do historiador Diogo de Vasconcelos.

A ocupação do sertão sãofranciscano está intimamente ligada ao desenvolvimento da pecuária que se interiorizou pelas margens do rio São Francisco, mas um importante fato a ser destacado nos primórdios da ocupação são as entradas para o sertão protagonizadas por bandeirantes paulistas e baianos que em meados dos séculos XVI e XVII tornaram-se a força propulsora no desbravamento do sertão. Outro fator de fundamental importância para a ocupação do sertão foi a expansão da economia açucareira, pois com a rápida expansão da produção de açúcar, que ocorre até a metade do século XVII, temos como contrapartida a grande penetração para o interior do país. As áreas canavieiras da Bahia e de Pernambuco desempenhavam um importante papel no processo de expansão da pecuária para o sertão sãofranciscano, que por volta do século XVII atinge a região do médio São Francisco, formando-se as primeiras fazendas de gado no norte de Minas, classificadas por muitos historiadores como os currais do São Francisco. Entre os paulistas que participaram da ocupação do sertão sãofranciscano Matias Cardoso de Almeida, se instalou para o Sul, fundando o primeiro arraial da região: Morrinhos do Rio Doce, atual cidade de Matias Cardoso. Nesse contexto vai se firmando os povoados da região sobre a influência da família Cardoso. Em meio a esses arraiais temos “o povoado de Pedras de Baixo, também ribeirinho, hoje Maria da Cruz”. [1]

Com a descoberta do ouro em Minas, no século XVIII o rio São Francisco torna-se rota natural da época, “Ao norte, as minas incentivaram a expansão da pecuária, do sal e do couro, do tabaco e da aguardente, fizeram do São Francisco o caminho natural” [2]. As fazendas de gado proporcionaram a consolidação de grandes redes de potentados locais que, devido à fraca presença da administração real, utilizavam-se do poder privado para a manutenção da ordem na região. No sertão norte mineiro o poder local constituído do latifúndio e da família patriarcal, terá mais valia do que a ação do Estado. “Esse entre-lugar espaço/território pode bem ser definido em suas origens, como uma *terra sem lei e sem rei*. Sendo percebido mais como um espaço em que imperam os desmandos dos potentados locais”. [3]. É nesse contexto político/econômico que se insere a figura de Maria da Cruz.

Quando discutimos a trajetória histórica de Maria da Cruz, uma das referências que temos são os livros de Diogo de Vasconcelos, que dedicam a ela, uma bibliografia considerável. Quando se fala em sua história e o seu papel em seu tempo, Vasconcelos é o autor referencial, pois muitos memorialistas regionais propagam a imagem de Maria da Cruz constituída por ele.

Com base em Vasconcelos (1974) Maria da Cruz Porto Carreiro, filha de Pedro Gomes de Abreu Capitão Mor de Sergipe D’el Rei e de Domingas Francisco Travasso, casa-se com Salvador Cardoso, após o casamento, mudou-se para Pedras de Baixo, às margens direita do rio São Francisco. Villalta [4] no livro *História da Vida Privada* afirma que no sertão do São Francisco mineiro, Dona Maria da Cruz, mulher que pôs o povo a se rebelar contra as autoridades nos anos 1736-7, mantinha escolas de leitura e música. Ficando viúva ainda cedo, coube a ela cuidar dos filhos e administrar a fazenda, mandando os filhos, ainda jovens, para estudarem na Bahia. Após o seu filho Pedro Cardoso terminar os estudos, tornou-se fazendeiro e comerciante, retornando a Pedras de Baixo, onde exerceu grande influência sobre a região juntamente com sua mãe D. Maria da Cruz. Em um recente estudo sobre a história dessa personagem, intitulado *A Dona do Sertão: Mulher, Rebelião e Discurso Político em Minas Gerais no século XVIII*, Alexandre de Souza [5], ao retratar a composição familiar de Maria da Cruz, tomando como fonte o seu testamento, discorda de Vasconcelos ao afirmar que Maria da Cruz teria tido seis filhos e não três como se pensava.

O memorialista Brasileiro afirma que “a poderosa família Cardoso trouxe ordem, civilização, riqueza e dias de esplendor para essa parte do vale do São Francisco.” [6] Observa-se que praticamente toda a região vivia sobre o domínio da família de Maria da Cruz, mas essa tranquilidade foi abalada com as forças sediciosas de 1736, em que D. Maria da Cruz, seu filho Pedro Cardoso e outros potentados tornaram-se precursores de tal revolta, que se tornou generalizada por todo sertão. O governo de Minas passa para Martinho Mendonça, em maio de 1736. Este, colocando



como meta de seu governo a reforma do quinto, caiu logo na aversão dos sertanejos e potentados. O governador inicia a taxaço dos sertões e em contrapartida, surge uma reação contrária ao mesmo. A indignação aumenta na região quando Martinho de Mendonça manda ao sertão intendentos, a fim de controlar os régulos dos potentados locais. Os revoltosos marcharam sobre São Romão. “A marcha foi um estendal de atrocidades. Vieram salteando casas e fazendas, indistintamente, matando, roubando, violentando mulheres” [7]. Apesar do alto grau de violência presente na sedição, também se tentou dar legitimidade ao protesto através do registro em cartório, como aponta algumas pesquisas sobre a questão. “Ao avaliar a composição social do movimento, torna-se necessário entender quem eram os seguimentos da elite que o compunham, pois havia também aqueles que não se expunham explicitamente, a exemplo de Domingos do Prado de Oliveira e Maria da Cruz, que do cimo de suas fazendas, comandavam os protestos” [8].

A imagem dessa mulher sobrevive até hoje na memória dos habitantes de Pedras de Maria da Cruz, cidade do estado de Minas Gerais, onde, no século XVIII localizava-se o arraial Pedras de Baixo. Ao discutir sobre as Minas do século XVIII, Laura Mello e Souza [9] aponta Maria como uma sertaneja das lonjuras do Sertão, chefe de família, potentada e revoltosa. Luciano Figueiredo afirma que o papel assumido pela mulher no campo político de Minas ficou por conta da figura célebre de Maria da Cruz. “Viúva de um grande proprietário de fazendas de gado no sertão da capitania da fronteira com a Bahia, teria participado da liderança de um movimento envolvendo as populações locais contra o pagamento do imposto de capitação.” [10] A imagem de Maria da Cruz se misturava à elite rural que ocupou a região entre o século XVII e XVIII, mais tarde se tornando uma das envolvidas nos motins de 1736. Percebemos, assim, a proximidade entre o papel da mulher e a formação do poder e da família no norte de Minas em meados do século XVIII. Neste processo, as mulheres ganham espaço nas revoltas, principalmente como força propulsora desses movimentos, instigando seus familiares a se rebelarem.

A Sedição do São Francisco, com a mesma rapidez que se afluou, foi também contida pelas forças de repressão. Diogo de Vasconcelos, ao analisar a carta de dois de janeiro de 1737 destinada ao Secretário Antônio Guedes, conclui que os principais “cabeças” da sedição foram Domingos do Prado, Dona Maria da Cruz e seu filho Pedro Cardoso. Esses e outros potentados se achavam foragidos. Foram levados para São Romão, de lá foram enviados a Vila Rica (Ouro Preto). Maria da Cruz foi absolvida das acusações de conspiração, mas seu filho Pedro Cardoso teve como punição o degredo para Capitania do rio Sena em Moçambique na África. Para Brasileiro Braz, no que tange a Maria da Cruz tudo leva a crer que foi anistiada, tanto que nove anos depois da Conjuração do São Francisco, isto é, em quatro de maio de 1745, Gomes Freire despachou favoravelmente um requerimento da mesma, legalizando-lhe a posse de sua fazenda do Capão. Sobre a mesma questão Diogo de Vasconcelos afirma que o seu genro que era um negociante rico e influente, irmão do vigário geral, com o arcebispo, teriam feito o possível à bem da sua defesa.

Embora romanceada a visão Diogo de Vasconcelos, ela serve para nos mostrar que a sedição de 1736 deixou marcas na história, além de colaborar para o surgimento de um mito: Maria da Cruz. Muitas histórias ao seu respeito são contadas até hoje pelos ribeirinhos de Pedras de Maria da Cruz, tendo ela uma importância simbólica pós-emancipação dessa cidade no ano de 1993, tendo sua história perpetuada quando passa a compor o *Panteão Cívico* dessa cidade, aparecendo referências a ela na bandeira e no brasão. Porém essa história ainda é lacunar já que não há documentações que mostrem as suas efetivas ações dentro desse movimento (motins de 1736). O que nos leva a “concluir” com o seguinte questionamento: Qual teria sido o “real” papel desempenhado por essa mulher que lhe deu tanto destaque nos motins? Seria o fato de ser mulher? Qual seria a figura da mulher por trás do mito? Diante de tais questionamentos, não há como não parafrasear Diogo de Vasconcelos: “Digam-nos agora se alguma “é”, mais do que esta, digna de memória em nossos fatos”.

Metodologia

O tipo de pesquisa aqui proposto se configura de cunho histórico e qualitativa. Tendo como referência a história social e pautada em bibliografias pertinente ao tema proposto, utilizando como fonte de pesquisa as obras *História Antiga de Minas Gerais (1904)* e *Historia Média de Minas Gerais (1918)* do historiador Diogo de Vasconcelos, como forma de analisar a imagem construída sobre Maria da Cruz nessas respectivas obras.

Resultados

Como parte integrante da pesquisa intitulada “*Maria da Cruz: História, Memória e Imaginário*”, e que se encontra em andamento, apresentamos os seguintes pré- resultados: No período colonial do sertão do São Francisco temos a formação de redes de potentados locais, que exerciam o controle social na região, sendo eles os responsáveis pela



FÓRUM ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras



24 a 27
setembro
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

fundação das primeiras vilas e povoados. Há também nesse período a ascensão política e econômica das famílias pioneiras, principalmente a família Cardoso, que Maria da Cruz passou a pertencer após o seu casamento com Salvador Cardoso de Oliveira, sobrinho de Matias Cardoso de Almeida e fundador de comunidades como as de Morrinhos, Amparo e São Romão, além de outras menores situadas às margens do rio São Francisco. Tendo tais potentados o *status* de liderança nesta região. Os motins de 1736 tiveram sua participação ativa em levantes ocorridos em várias regiões, tais como Montes Claros, Januária, São Romão, Pedras de Maria da Cruz, entre outras. Esse movimento sedicioso teve como um dos líderes, Maria de Cruz, que por sua vez foi perpetuada nos escritos de Diogo de Vasconcelos como a heroína dos sertões, sendo essa imagem reafirmada nos livros de memorialistas locais.

Conclusão

Diogo de Vasconcelos trás em suas obras uma imagem idealizada de quem seria Maria da Cruz, imagem essa que será propagada por diversos historiadores e memorialistas regionais. Após os Motins de 1736, Maria da Cruz torna-se uma figura mitológica na memória e imaginário dos moradores da cidade que leva seu nome: Pedras de Maria da Cruz, sendo possível ouvir os relatos sobre os seus feitos até hoje (2014), nos causos e contos dos moradores dessa cidade, entre os relatos de populares pedrenses e escritos historiográficos e memorialísticos vemos divergências e proximidades em relação à imagem construída sobre tal personagem.

Referências

- [1,6] BRAZ, Brasileiro. **São Francisco nos caminhos da história**. Belo Horizonte: LEMI,1977.
- [2] ANTONIL, André João; **Cultura e opulência do Brasil**: Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.
- [3] RESENDE, Maria Efigênia Lage de. *Itinerário e Interditos na Territorialização das Gerais in*: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos. **História de Minas Gerais: As Minas Setecentistas**. Belo Horizonte: Autêntica, Companhia do Tempo,2007.
- [4] VILLALTA, Luiz Carlos. *O que se Fala e o que se Lê: Língua, Instrução e Leitura in*: NOVAIS, Fernando; SOUZA, Laura de Melo e. **História da Vida Privada: Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa**. São Paulo: companhia das letras, 1997.
- [5] SOUZA, Alexandre Rodrigues. **A Dona do Sertão: Mulher, Rebelião e Discurso Político em Minas Gerais no Século XVIII**. Dissertação (mestrado em história). Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2011.
- [7] VASCONCELOS, Diogo de. **História Antiga de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia. 1974.
- [8] RODRIGUES, Gefferson Ramos. **No Sertão a Revolta: Grupos Sociais e Formas de Contestação na América Portuguesa, Minas Gerais- 1736**. Dissertação (mestrado em história). Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2009.
- [9] SOUZA, Laura de Mello e. *Tensões Sociais em Minas Gerais na Segunda Metade do Século XVIII, in*: **Norma e Conflito: Aspectos da História de Minas no Século XVIII**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- [10] FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. **Barrocas famílias: vida familiar em Minas Gerais no século XIII**. São Paulo: Hucitec Ltda. 1995